A PLEBE

O Estado tem uma longa historia toda de assassinato e de sangue. Todos os crimes praticados no mundo, os morticinios, as guerras, as faltas á fé jurada, as fogueiras, as torturas, tudo foi justificado pelo interesse do Estado, pela razão de Estado. O Estado tem uma longa historia. Toda ella é de sangue.

CLEMENCEU

Toda a correspondencia e valores ao administrador RODOLPHO FELIPE

Endereço: Séde: Rua Barão de Paranapiacaba n. 4 (sobrado) Caixa Postal, 195 — S. Paulo

Assignaturas: Ano . . 10$000 — Semestre 5$000 — Numero Avulso 100 réis — PACOTES: Cada 12 exemplares. 1$000

HOMENS

Aos militantes operarios, amedrontados, apresentados, pelas folhas que defendem os capitalistas e pelos politicos da burguezia, como criaturas nefastas, deram agora esses inimigos do proletariado em chamar "meneurs", attribuindo-lhes as peores qualidades e apontando-os como fomentadores dos conflictos de caracter social e, por vezes, dos de natureza politica.

Muitos daquelles que semelhantes accusações lançam sobre os homens que maior somma de actividade desenvolvem nos organismos syndicaes é possivel que ignorem quanto esforço esses homens em varias occasiões empregam para que as corporações a que pertencem, em certos casos justamente irritadas por attitudes provocadoras do patronato e do Estado, não se precipitem em lutas que umas vezes revestem o aspecto defensivo, outras o aggressivo.

Momentos ha em que é mister que os chamados "meneurs" — não por meio de imposições, que hoje não são toleradas no movimento syndicalista, mas falando uma linguagem raciocinada, persuasiva — detenham os impetos dos seus companheiros de trabalho, os mais ardentes dos quaes nessas occasiões chegam a acoimal-os de conservadores! E quantas vezes succede tambem não serem tomadas em consideração as exhortações dos militantes, criaturas geralmente experientes, com largo treino nas rudes batalhas entre patrões e operarios, vingando as propostas dos menos reflectidos, que, volvidos os primeiros momentos de enthusiasmo, recebem duras desillusões, tão brutaes em certos casos que jamais são lobrigados nas assembléas!

Todos os operarios organizados que nos lêem sabem que estamos interpretando o seu justo pensamento, porque as nossas palavras são rigorosamente verdadeiras. E' até provavel que alguns individuos que não pertencem á classe operaria, mas que por virtude de posições officiaes que occupam ou tenham occupado na sociedade hajam tido occasião de verificar que succede exactamente como dizemos, embora não tenham a hombridade de confessal-o.

* * *

Aos que affirmam que os "meneurs" syndicalistas não trabalham e vivem á custa das associações — accusação frequentemente lançada pelos nossos adversarios — objectaremos que é possivel que entre os militantes operarios haja alguns que, quer na sua vida publica, quer na vida privada, possam dar motivo a assacarem-se-lhes com justeza inconsequencias e até attitudes menos dignificantes. Mas se succede haver — e somos tão pouco facciosos que acreditamos que haja — militantes operarios cujo procedimento não corresponde á delicadeza dos cargos que exercem nas respectivas corporações, a estas cabe a responsabilidade da sua existencia, porque os toleram, porque os não põem á margem como é justo que sejam postos os que não sabem comportar-se de maneira a honrar os seus organismos e a honrar-se a si proprios.

Em regra, porém, os militantes operarios, ou "meneurs", se quizerem, são dos operarios que melhor cumprem, quer perante os patrões, quer perante os seus confrades, os deveres que lhes cabem, assim se justificando que sejam elles os primeiros a reivindicar os correspondentes direitos. E mal seria se assim não succedesse, porque lhes falleceria toda a autoridade moral, que é a maior força que um propagandista pode ter.

Os taes "meneurs" são, em geral, dos operarios que melhor conhecem a profissão que exercem, pertencendo ao numero dos mais competentes e intelligentes componentes da classe, e nem de outra forma se explicaria que sejam justamente considerados pelos seus camaradas.

E, caso singular, sendo dos que mais esforçadamente trabalham nos seus syndicatos e dos que mais se sacrificam, no interesse da collectividade, exactamente por que formam no numero dos melhores technicos, não teriam necessidade de sujeitar-se, se olhassem de preferencia ás vantagens individuaes, ás mil vicissitudes que lhes trazem as lutas syndicalistas, visto que o menos com que podem contar, desde que se consagram a taes lutas, é frequentar de quando em vez os carceres da republica, sob cuja ameaça estão permanentemente. Antepuzessem elles aos interesses das classes a que pertencem o seu egoismo individual, á semelhança do que fazem varios collegas seus, e conquistariam, pelas suas faculdades profissionaes, pelos seus conhecimentos technicos, os melhores lugares.

Estariam, se enveredassem por esse caminho, de bem com os industriaes a quem alugam o braço e com cuja sympathia não contam nem podem contar quando se collocam á frente dos syndicatos, e não seriam incommodados pela policia. Simplesmente estariam de mal com a sua consciencia, que lhes não perdoaria que tudo subordinassem ao proprio interesse, que é a caracteristica das almas mediocres.

Os "meneurs" operarios! Merecem o nosso respeito, porque têm um ideal a animal-os e porque por esse ideal lutam, não com mira no seu proprio interesse mas no da collectividade, quando é certo que se quizessem occupar-se apenas de si teriam uma existencia tranquilla, embora ao findar a sua vida não pudessem registar um acto de altruismo.

Tambem entre a classe que se nos oppõe ha "meneurs", mas esses, não só porque são norteados invariavelmente pelo espirito conservador, mas tambem porque não correm nenhum dos perigos a que permanentemente se expõem aquelles, visto que contam com o mais lato apoio dos que detêm o poder, não inspiram ao observar imparcial o respeito que merecem os que tudo arriscam para transformar as bases em que assenta a presente sociedade.

A. BATALHA

Patriotismo e Governo

— "Mas que acontecerá quando não houver governo?" perguntam muitos.

— Coisa alguma; ver-se-á desapparecer o que era vão, superfluo e mau, o orgão nocivo porque se havia tornado inutil, e mais nada.

— "Quando, porém, não houver governo, a violencia desencadear-se-á, os homens matar-se-ão uns aos outros."

— Porquê? Porque a destruição duma organização sahida da violencia e que as gerações foram transmittindo successivamente por obras de violencia; porque a destruição dessa organização que, de resto, hoje, para nada serve, teria por effeito despertar a violencia dos homens, avivar-lhes o gosto do morticinio? Parece-me, pelo contrario, que apoz a falta desse instrumento de violencia, ha de baixar o numero de criminosos.

Na hora actual a nossa sociedade conta homens especialmente educados e preparados para matar os seus semelhantes ou fazer-lhes violencia: reconhece-lhes um direito especial ao crime, uma organização inteira os protege; consideram-se actos bons e virtuosos as violencias que elles commettem. Mas depois não se verão desses homens sustentados para o mal, não se reconhecerá a pessoa alguma o direito de fazer violencia seja a quem fôr, ninguem se submetterá a uma organização que não tem outro principio se... e o assassinato serão considerados sempre, e por todos, como acções más.

Se mesmo depois da suppressão do governo, se produzirem violencias, com certeza serão menos frequentes do que na epoca presente, em que existe uma organização, um officio para estimular, como se fossem bons e uteis, a violencia e o assassinato.

Com os governos desapparecerão uma tal organização e uma ...

— "Mas sem governo não haverá leis, nem propriedade, nem policia, nem instrucção publica", dizem muitos, fingindo julgar necessarias aos diversos ramos da actividade social as violencias do poder.

A destruição de um governo instituido em razão de violencias a exercer sobre os homens, não produzirá de modo algum a destruição dos elementos bons e racionaes que podem conter a legislação, a organização dos tribunaes, da propriedade e da policia, as instituições financeiras e os estabelecimentos de instrucção.

Pelo contrario, a desapparição da brutalidade dos governos dará lugar a uma organização social mais racional e mais justa, e que não fará emprego da violencia. Os tribunaes, os estabelecimentos pios e a instrucção publica, tudo isso existirá, mas na medida em que o povo de tudo possa tirar proveito e sob uma fórma que nada deixe subsistir do mal que encerram as instituições actuaes. Sómente se perderá o que, no estado actual das nossas sociedades, é mau e entrava a livre manifestação da vontade dos povos.

Mas admittindo mesmo que apoz a desapparição dos governos os povos hajam de soffrer abalos e perturbações intestinas, a sua situação sempre será preferivel ao que hoje é. Os povos, neste [illegible] estão n'uma situação tal como não se pode suppor peor. As nações estão arruinadas, e esta ruina, inevitavelmente, sempre se irá aggravando. Todos os homens são transformados em soldados, em escravos, aos quaes a ordem, a todo o instante, pode vir matar ou mandar que matem. Que pode acontecer de peor? Que os povos morram de fome? E' o que já se vê na Italia, na India e em outros paizes. Que recrutem as mulheres para o mister de soldados, como os homens? O Transvaal deu o exemplo.

Desta sorte, supponho mesmo o que a mim não me parece, que a ausencia do governo precipite os povos na anarchia, — no sentido negativo e subversivo da palavra, as desordens que se seguissem seriam menos terriveis do que a situação presente, creada pelos governos e que estes ainda hão de aggravar.

E' por isso que só pode ser util aos homens libertarem-se do patriotismo e destruirem os governos de que elle é o apoio.

L. TOLSTOI

«Quereis destruir os agitadores? pois aniquilae-os patrões que amassam as suas fortunas com o trabalho dos operarios; acabai com os grandes possuidores da terra que amontôam os seus thezouros com as rendas que arrancam aos miseraveis e esqualidos lavradores; supprimi as machinas que revolucionam a industria e a agricultura, que multiplicam a producção, arruinam o productor e enriquecem as nações; emquanto o criador de todas essas coisas soffre as consequencias do meio, emquanto o Estado prevaleça, a fome será o supplicio social. Supprimi o caminho de ferro, o telegrapho, o telephone, a navegação e o vapor, supprimi-vos a vós mesmos, porque excitaes o espirito revolucionario...»

Augusto Spies

A ANARCHIA

A Anarchia é um ideal que todos os escravizados e explorados desejam ver realizado. E' um ideal pelo qual já tem havido muitos martyres, pelo qual se tem derramado sangue: — o sangue da liberdade; pelo qual muitos homens bons e justos, só pelo facto de propagarem as doutrinas libertarias, por quererem tirar o proletario e o povo em geral da escravidão e da miseria, da vergonha e do aviltamento, são presos, encarcerados e julgados réus de lesa-patria e de lesa humanidade, por uma lei iniqua, feita por um punhado de parasitas, que querem viver regalada e faustosamente á custa do suor e da vida de milhões e milhões de sêres humanos, que têm o mesmo direito á vida e á commodidade, o que elles lhe negam; são então degredados e mettido em prisões lugubres e insalubres onde só os mochos e os ratos habitam, ou então são mortos para saciar a vingança e satisfazer a colera dos exploradores da humanidade, e ao mesmo tempo para lhes aniquilar a alma, donde brotam ideias sãs e justas, mas, que lhes abalam o throno, o throno do parasitismo, da exploração e da corrupção.

Alguem o disse: — os homens morrem, mas as ideias ficam; e, desta maneira, vão germinando e adquirindo a cada passo um novo adepto, uma nova adhesão as ideias libertarias.

Um dia virá em que estas ideias produzirão um fructo — o fructo da Anarchia, o fructo da liberdade, o fructo da fraternidade universal.

Mas para que alcancemos isto tudo, preciso é que todos, em geral, principalmente a mocidade, não desanime com os perigos que correm ao fazer propaganda da ideia anarchista, pois temos a incitar-nos as victorias alcançadas devido ao esforço dos propagandistas e adeptos do nosso ideal, e ao esforço dos nossos irmãos, e camaradas.

Temos tambem que lutar com os indiferentes, os medrosos, vendidos, os parasitas e os exploradores; mas não desanimemos, irmãos e camaradas, que seremos mais tarde recompensados com o fructo do nosso trabalho e da nossa propaganda.

Avante, pois, irmãos, pela Anarchia, que representa a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

E que a nossa divisa seja: «Sempre unidos pela Anarchia».

VIRGILIO DE SOUSA

Juizos e contradicções do Conselheiro

Os pro-homens da Republica — Epitacios, Homeros Baptista, Alfredos Pinto, Pires do Rio «et reliqua» — julgados pelo cons. Ruy Barbosa no discurso aos bacharelandos de S. Paulo:

"Um sabedor não é armario de sabedoria armazenada, mas transformador reflexivo de acquisições digeridas.

Já se vê quanto vai do saber apparente ao saber real. O saber de apparencia crê e ostenta saber tudo. O saber de realidade, quanto mais real, mais desconfia, assim do que vai apprehendendo, como do que elabora.

Haveis de conhecer, como eu conheço, paizes, onde quanto menos sciencia se apurar, mais sabios florescem. Ha, sim, dessas regiões, por este mundo além. Um homem (nessas terras de promissão) que nunca se mostrou lido ou sabido em coisa nenhuma, tudo e havido é por corrente e moente no que quer que seja; porque assim o acclamam as trombetas da politica, do elogio mutuo, ou dos corrilhos pessoaes, e o povo subscreve a negeia atoarda. Financeiro, administrador, estadista, chefe de Estado, ou qualquer outro lugar de ingente situação e assustadoras responsabilidades, é, a pedir de bocca, o que se diz mão de prompto desempenho, formula viva a quaesquer difficuldades, chave de todos os enigmas.

Tenham por averiguado que, onde quer que o collocarem, dará conta o sujeito das mais arduas emprezas e solução aos mais emmaranhados problemas. Se em nada se apparelhou, está em tudo e para tudo apparelhado. Ninguem vos saberá informar porque. Mas todo o mundo vel-o dará por liquido e certo. Não aprendeu nada, e sabe tudo. Ler, não leu. Escrever, não escreveu. Ruminar, não ruminou. Produzir, não produziu. E' um improviso omnisciente, o phenomeno do que poetava Dante:

"In piccio tempo grand dottor
[si feo."

A esses homens-panaceias, a esses empreiteiros de todas as empreitadas, a esses aviadores de todas as encommendas se escancararam os cancellos da fama, do poder e da grandeza, e, não contentes de lhes applaudir entre os da terra a nullidade, ainda, quando Deus quer, a mandam expor á admiração do estrangeiro.

Pelo contrario, os que se têm por notorio e incontestavel excederam o nivel da instrucção ordinaria, esses para nada servem. Porque? Porque "sabem demais". Sustenta-se ahi que a competencia reside, justamente, na incompetencia. Vale-se, até, ao incrivel de se inculcar "o medo aos preparados", havel-os como cidadãos perigosos, e ter por dogma que um homem, cujos estudos passem da craveira vulgar, não poderia occupar um posto mais graduado no governo, em paiz de analphabetos. Se o povo é analphabeto, só um ignorante estará em termos de o governar. Nação de analphabetos, governo de analphabeto. E' o que elles, meia vez ás escancaras e em letra redonda, por ahi dizem."

É clarissima a allusão ao Brasil e aos seus dirigentes, jurisconsultos, sabios, professores, governadores. Com o despeito vem a verdade. Continúa ainda o ataque, que agora se dirige ás instituições e ás leis, a cuja idolatria e a cujo fetichismo esteve sempre curvado.

"Ora, senhores bacharelandos, pesai bem que vos ides consagrar á lei, num paiz onde a lei absolutamente não exprime o consentimento DA MAIORIA, onde são as minorias, as oligarchias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitaveis as que põem e dispõem, as que mandam e desmandam em tudo; a saber: num paiz, onde, verdadeiramente, "não ha lei", não ha moral, politica ou juridicamente falando.

Considerai, pois, nas difficuldades, em que se vão enlear os que professam a missão de sustentaculos e auxiliares "da lei".

E' verdade que a execução corrige ou attenúa, muitas vezes, a legislação de má nota. Mas, no Brasil, a "lei" se deslegitima, annulla e torna "inexistente", não só pela bastardia da sua origem, mas pelos horrores de sua applicação.

Ora, dizia S. Paulo que boa é a lei, onde se executa legitimamente. "Bona est lex, si quis ea legitime utatur". Quereria dizer: Boa é a lei, quando executada com rectidão. Isto é: boa será, em havendo no executor a virtude, que no legislador não havia. Porque só a moderação, a inteireza e a equidade, no applicar das más leis, as poderiam, em certa medida, escoimar da impureza, dureza e maldade, que encerrarem. Ou, mais lisa e claramente, se bem o entendo, pretenderia significar o apostolo das gentes que mais vale a lei má "inexecutada, ou mal executada", (para o bem), que a boa lei, sophismada e não observada, (contra elle).

De nada aproveitam leis, bem se sabe, não existindo quem as ampare contra os abusos; e o amparo sobre todos essencial é o de uma justiça tão alta no seu poder, quanto na sua missão. "Ahi temos a lei", dizia o Florentino. "Mas quem a ha de assegurar? Ninguem."

"Le leggi son, ma chi pon mano
[ad esse?
"Nullo."

Depois se arrepende de ter dito tantas verdades e volta ao seu antigo realejo, e appella para a Justiça e affirma que em um paiz onde ha tão bellas leis, *que nada lhes iguala a magestade e lhes rivaliza o poder*, tudo se deve esperar da Justiça que é o eixo de tudo, tendo affirmado antes que *neste paiz verdadeiramente não ha lei, não ha moral, politica ou juridicamente falando.* Logo não pode haver Justiça.

E o trecho seguinte fica em contradicção com os anteriores:

"Entre nós não seria licito responder assim tão em absoluto, á interrogação do poeta. Na constituição brasileira, a mão que elle não via na sua republica e em sua epoca, a mão sustentadora das leis, ahi está, hoje, entre nós, erguida e tão grande, que nada lhe iguala a majestade, nada lhe rivaliza o poder. Entre as leis, aqui, entre as leis ordinarias e a lei das leis, é a justiça quem decide, fulminando aquellas, quando com esta colllidirem.

Soberania tamanha só nas federações de molde norte-americano cabe ao poder judiciario, subordinado aos outros poderes nas demais formas de governo, mas, nesta, superior a todos.

Destas democracias, pois, o eixo é a justiça, eixo não abstracto, não supposticio, não meramente moral, mas de uma realidade profunda, e tão seriamente implantado no mecanismo do regimen, tão praticamente embebido atravez de todas as suas peças, que, em falseando elle ao seu mister, todo o systema sahirá em paralysia, desordem e subversão. Os poderes constitucionaes entrarão em conflictos insoluveis, as franquias constitucionaes ruirão por terra, e da organização constitucional, do seu caracter, das suas funcções, das suas garantias apenas restarão destroços."

E é o que está felizmente acontecendo, e fatalmente succederá a todas as leis e constituições.

F. L.

PRO "A PLEBE"

Grande festival de propaganda

Dia 12 do corrente mez de Maio, ás 20 horas, no Salão do Centro Republicano Portuguez, á rua Marechal Deodoro, n. 2

PROGRAMMA

1.a parte — A Internacional, pela orchestra.

2.a parte — Representação, pela primeira vez em S. Paulo, do drama social, em 3 actos, em italiano, de Giovanni Casadei — ALBA.

3.a parte — Conferencia sobre o problema social.

4.a parte — Kermesse e baile familiar.

LIGA DOS MANIPULADORES DE PÃO

Este syndicato convoca a classe dos trabalhadores em padarias para uma assembleia geral que será realizada amanhã, ás 4 horas, na séde dos graphicos, á rua Marechal Deodoro, 2, 2.° andar.

A festa adiada

A festa que não poude ser realizada no sabbado passado, será effectuada na proxima quinta-feira, 17 do corrente, no Centro Republicano Portuguez, sendo validos os mesmos convites de ingresso.

Comité Pro'-Presos e Deportados

Os camaradas que constituem este Comité são convocados para a reunião que se realizará segunda-feira proxima, ás 19 horas, na séde dos sapateiros, á rua Barão de Paranapiacaba, 4, sobrado, afim de ser examinado o balancete geral e o relatorio e proceder-se á nomeação de alguns membros.

A lei dos salarios

Com os meios de produzir de que actualmente o homem dispõe, não é facil determinar a cifra de producção a que o trabalho pode attingir. Ha industrias em que o augmento dos productos é de 300 vezes a cifra de alguns annos atraz. Produz-se consideravelmente e póde-se produzir muito mais. Não é calculavel mesmo o que será a productividade do trabalho num futuro mais ou menos proximo, com as conquistas que o progresso vier a realizar neste campo.

O que é positivo é que hoje a producção é enorme e que, com os inventos e melhorias já effectuadas no machinismo, é possivel decuplicar essa producção, centuplical-a.

E contudo... morre-se de fome e de frio!

Porque?

Se o trabalho produz tanta riqueza; se um terço dos habitantes de qualquer região basta para suprir, amplamente, ás necessidades dos outros dois terços, por que motivo os assalariados — isto é: os que trabalham e produzem essa riqueza e alimentam o ócio dos «privilegiados da terra» — mal vejectam?

Porque?

Porque estas coisas são reguladas pela «lei dos salarios!»

Que lei é esta?

Uma coisa muito simples: E' a lei que impede que o salario, seja de que trabalho for, «vá além do restrictamente indispensavel para sustentar o operario, como machina de produzir, e ao filho que o substitua mais tarde».

Nestas circumstancias, multiplique-se a productividade do trabalho, centuplique-se a producção, o proletario que a produzir não terá por isso maior quinhão. Este foi, é e será sempre regulado pelo "absolutamente indispensavel" para conservar a "machina" que os capitalistas veem em cada trabalhador.

Que succede?

A classe trabalhadora dessa industria, por mal alimentada, dizima-se; morrem os mais fracos, outros abandonam um tal officio e entregam-se a outro mais compensador e ficam só os mais fortes.

Imaginemos que estas falhas reduziram os 2 milhões de proletario a 500 homens sómente.

Que acontece?

A industria em questão, precisando de um milhão de productores para dar o resultado exigido e sendo estes apenas 500, claro é que os capitalistas se veem forçados a pagar melhor o trabalho e «elevam gradualmente o jornal» de 500 a 2$000 réis «o maximo, sem nunca exceder o fundo de salarios estabelecido, de 1:000 contos».

E' evidente que melhorando-se as condições de vida do operariado desta industria, affluem novos trabalhadores e a cifra de 500 proletarios pode subir aos 1:000 primitivos; mas neste caso os salarios descem de 2$000 aos 1$000 réis tambem primitivos. Quer dizer: volta-se á primeira situação em que estabelecemos a nossa hypothese, para se repetir o phenomeno nas condições em que nessa hypothese tambem figuramos.

Sendo o trabalho uma mercadoria, está como todas as mercadorias, sujeito «á lei da procura e da offerta;» e assim o seu preço será inferior, igual ao superior ao «quantum» já indicado, conforme a offerta fôr superior, igual ou inferior á procura, notando-se que a «offerta» neste caso é o «numero de braços disponiveis» e a «procura», o capital destinado á producção menos o custo da materia prima e do machinismo.

Vê-se, pois, que: sendo o numero de braços offerecidos igual ao «capital fundo de salarios», isto é: a offerta igual á procura, o jornal do trabalhador é exactamente a tal cifra, o «quantum» de salario indispensavel para elle se manter a si (como «operario», note-se, e não como «homem») e a um seu descendente; e se o numero de braços é superior ao «fundo de salarios», isto é: se a offerta é superior á procura, o jornal desce abaixo do referido «quantum», e tanto mais desce, quanto maior for o numero de braços disponiveis.

Rareando a quantidade dos desoccupados, isto é; sendo a offerta inferior á procura, o jornal muito naturalmente sobe até se restabelecer novamente o equilibrio.

Desta lei de bronze não ha que fugir dentro da sociedade actual por mais gréves e reclamações que se façam; por muito uteis que sejam as cooperativas, por grandes que sejam as concessões alcançadas.

O facto das differenças de salario de uma industria para outra, de certo trabalho para outro, em nada destroe esta verdade — imutavel dentro do regimen capitalista.

Se o ferreiro, por exemplo, ganha maior jornal de que o carpinteiro, não quer isso dizer que aquelle satisfaça melhor as suas necessidades de homem do que este. O seu officio exige muito maior dispendio de energia do que o do carpinteiro; e assim forçoso é que o seu jornal seja superior, pois de contrario, o capitalista veria "parar-lhe a machina". Logo o ferreiro ganha o que é necessario que elle ganhe, «para produzir como ferreiro»; da mesma forma ao carpinteiro paga-se só o que "elle precisa para produzir" como carpinteiro. E assim o resto...

Sejam, portanto, quaes forem as tarefas, os trabalhos, os officios, ha um «quantum», uma cifra de salario respectivo a cada um — cifra que não augmenta na classe trabalhadora considerada na sua totalidade embora possa subir com respeito "a cada artifice" em determinadas situações; cifra que "não augmentando"; como disse, póde não obstante «diminuir», se para isso virem ensejo os capitalistas.

Socorramo-nos de um exemplo para melhor nos fazermos comprehender.

Supponhamos que a Industria A de certo paiz exige para dar o resultado requerido de um milhão de operarios; que se viu que para esses operarios produzirem como artifices dessa industria, (como "machinas") indispensavel era que ganhassem 1$000 réis diarios. Logo os industriaes ou capitalistas dessa industria precisam de dispôr pelo menos de 1.000 contos "como fundo de salarios". Se passado tempo esses operarios são já em numero de dois milhões, o «fundo de salarios» não sobe a 2:000 contos; mantem-se nos mesmos 1:000 contos primitivos: os salarios é que são reduzidos á metade: os operarios passam a ganhar apenas o jornal de 500 réis.

Os trabalhadores, os proletarios, aquelles que exclusivamente vivem do seu trabalho, produzem e produzirão toda a sua vida riquezas e mais riquezas; a sua producção subirá como 10, 100, 1000, um milhão de vezes mais alto do que em época anterior; os seus salarios podem, «apparentemente, subir tambem, "mas não na mesma proporção" — como o provam as estatisticas. O que é absolutamente verdadeiro é que esses salarios por mais altos que «pareçam», não chegam para satisfazer as necessidades dos trabalhadores além do que estes «restrictamente precisam para produzir como machinas», pois que se, por exemplo, em épocas differentes os salarios estão mais altos numa do que noutra, tambem as condições de vida se aggravam mais na época da melhoria dos salarios, com a subida de preço dos generos, o augmento dos impostos, etc., etc. De fórma que abatendo-se do salario augmentado o valor de tudo quanto veiu aggravar o viver da classe trabalhadora, fica o dito salario reduzido ao citado "quantum indispensavel para o operario produzir como machina.

Daqui se segue que a condição do proletario «não tem melhora alguma» sob o regimen do salariato.

JOSÉ CARLOS DE SOUZA

Contraste

Tudo na vida material se tem transformado prodigiosamente. Na vida social, o operario, existe todavia para alimentar, recrear e manter uma casta de individuos que tem do seu lado a supremacia do dinheiro.

Para o resto dos humanos que não pertencem a esta casta, a civilização é abstrata, ideal, não traduzida em factos; o progresso é uma enganadora illusão com cuja conquista se pavoneiam os servidores do terceiro estado enriquecido.

O Povo carece de tudo; carece primeiramente de pão, e carecendo de pão, a civilização, o progresso, a sciencia, a arte e a industria, não são para elle mais que terriveis mentiras, torturas inventadas pela novissima inquisição dos satisfeitos.

Que effeitos podem produzir os museos repletos de maravilhas artisticas, os gabinetes scientificos com suas gigantescas creações, as fabricas com os seus operarios colossos, os armazens transbordando de mercadorias que não se vendem e os lindos escaparates com todos os refinamentos do gosto e do luxo?

Fallae de tudo isto aos milhares de esfarrapados que levam as mãos á região do estomago vazio, que arrastam os seus pés descalços na lama das ruas, que mal cobrem com farrapos a pelle que serve de unico revestimento a um molho de ossos, que rangem a cada passo como querendo quebrar-se, e só obtereis um gesto doloroso, expressão do organismo aniquilado, indifferente, á beira do sepulchro, esperando a morte, sem tentar a prolongação da vida.

Quem ouzará sustentar que esta permanente perturbação, este immenso desequilibrio é natural e eterno?

RICARDO MELLA

NA HESPANHA NEGRA

TORQUEMADA RESSURGE

Não é só em Barcelona e em Madrid que a sanha repressiva dos governantes hespanhoes contra o operariado se patenteia, odienta e inquisitorial. A repressão [illegible] já em todas as provincias de Hespanha. Longe de diminuir, amplifica-se. Longe de amenizar, ganha em ferocidade. Póde bem dizer-se que Torquemada resurgiu. E' elle, é o seu espirito tenebroso que dirige a politica do paiz iberico. A Hespanha é hoje um vasto mar de sangue. Por toda a parte os gemidos das victimas. Restabelecida assim a Inquisição, ella estende por todo o paiz os seus tentaculos inexoraveis. Ha uma differença a salvaguardar. A Inquisição hodierna faz mais victimas do que a outra. Quanto aos processos não soffreram modificação apreciavel. E' a prisão, é a tortura, é o assassinato. Os esbirros mudaram tambem de vestimenta. Ou tomam o nome de agentes e envergam o trage civil, ou se chamam guardas e vestem uma farda onde, reparando bem, se vêem distinctamente as manchas de sangue. Mas a missão de que os incumbem é semelhante á que exerciam os seus antecessores ás ordens de Torquemada. Espiam, denunciam, flagellam e matam. Os governantes têm a seu soldo milhares destes bandidos. Espanta que haja creaturas humanas capazes de acceitar uma missão tão vil. Mas o facto é que elles existem, numa porcentagem maior do que poderia suppor-se. E o povo hespanhol, esse povo generoso e altivo que labuta nos campos e nas fabricas, contorce-se sob as torturas que lhe infligem esses carrascos sem alma, feras de apparencia humana, scelerados da peor especie. Esmaga-o um despotismo selvatico de que não ha precedentes. E pode dizer-se que toda a Hespanha é um immenso carcere, com alguns milhões de prisioneiros guardados á vista, cujos minimos gestos são espiados. Ao mais insignificante assomo de descontentamento, a autoridade intervem com violencias barbaras. Se o descontentamento assume as proporções da revolta, a resposta é um tiro. Tudo quanto ha de mais summario.

Por toda a parte assim. Do que vae pela Andaluzia diz alguma coisa esta carta que acabamos de receber:

De todas as provincias de Hespanha nos chega o eco das terriveis perseguições de que são alvo os militantes syndicalistas. Eis por exemplo o que nos communicam de Andaluzia. Em Sevilha, um excellente camarada, geralmente estimado pelos trabalhadores, morreu em consequencia das torturas de que foi victima por parte dos esbirros da burguezia. Era este companheiro conhecido pelo apodo de "El Dandy".

Outros dois trabalhadores, Ramon Canet e Pedro Riba, enlouqueceram em consequencia de lhes haverem applicado á cabeça correntes electricas para forçal-os a fazer declarações a gosto do juiz.

Só em Sevilha, ha cerca de 400 syndicalistas presos e deportados. Destes, 70 estão sujeitos a [illegible] processos. A claro, baseados em supposições fantasticas, e em declarações arrancadas á força. Quasi todos elles permaneceram, durante tres mezes, encerrados em calabouços immundos e submettidos á mais absoluta incommunicabilidade.

Em Cadiz, em Jerez, em Córdova e em outras cidades importantes, os operarios têm sido presos e deportados aos milhares. A guarda civil, cuja crueldade e cuja brutalidade são tradicionaes, está commetendo toda a casta de atropellos.

Em Riotinto, a companhia ingleza das minas aproveita-se das circumstancias para esmagar os direitos syndicaes e exercer toda a especie de represalias sobre os seus operarios que, como é sabido, lutaram recentemente duma maneira heroica, durante oito mezes, para abater o insolente orgulho dos seus exploradores.

Por toda a parte, nas bellas terras andaluzas, reina a oppressão, a dor, a miseria — e o odio. Mas esse proletariado andaluz, que tanto tem soffrido, que tem sido a victima secular dos proprietarios e das autoridades, pode reservar para os seus verdugos algumas surprezas pouco agradaveis.

Ah, o gesto vingador! Elle ha de produzir-se formidavel, um dia ou outro, extinguindo até ao ultimo, a raça odienta dos carrascos. Porque o que se está passando em Hespanha não póde prolongar-se. Cobrir-se-ia de vergonha o proletariado de todo os paizes, a propria humanidade, se deixasse eternizar esse regime de infamia que pesa sobre todo o povo. Não terá o proletariado hespanhol, agora amordaçado pela tyrannia, manietado pela oppressão, as energias necessarias para desembaraçar-se dos verdugos que o torturam. E' preciso, portanto, que de todos os paizes acorram em seu auxilio aquelles para quem a liberdade é querida e a tyrannia odiosa.

A. B. LISBOA

ADVERTENCIA

A correspondencia dirigida para a séde da administração não será mais collocada na caixa, em virtude de uma ordem da administração dos Correios, podendo isso occasionar extravios.

Porisso, a correspondencia a nós enviada deve vir para a Caixa Postal, 195, S. Paulo.

EM POÇOS DE CALDAS

Commemoração do 1.o de Maio

Não passou de todo desperecebida a data do trabalho.

Por iniciativa dos componentes do Centro de Cultura Popular, a banda musical S. Cecilia, do maestro Pedro de Castro, que gentilmente acedeu ao nosso pedido, realizou uma alvorada ao som do Hymno dos Trabalhadores.

A's 3 horas da tarde, no Theatro Radium, effectuou-se perante diminuta assistencia a commemoração do 1.o de Maio, discursando nessa occasião um companheiro.

E' de lamentar que os trabalhadores não sintam a necessidade de comparecer ás reuniões que tratam directamente de seus interesses e dos ideaes que preoccupam o operariado consciente de toda a parte do mundo e que, pelo contrario, acorram promptamente ao estupido jogo de futebol.

Quando é que os trabalhadores abrirão os olhos?

(Do correspondente)

Correio Plebeu

JUIZ DE FORA — Mar.: Não pude attender á sua encommenda por força maior e independente da minha vontade.

PIRACICABA — P. F.: Recebemos sua encommenda. Agradecemos a você como a todos que para ella concorreram.

JUNDIAHY — R.: Recebemos sua carta com o conhecimento. Lamentamos não nos ter encontrado. Recebemos tambem o conhecimento. A festa realizar-se-á no dia 12. Vem? — Filippe.

RIO — Asp.: Transmitti os recados.

CURITYBA — Sant'Anna: Recebemos a sua carta e os 3$000.

Waldemar: Recebi os 13$000 para o Florentino, a quem já fiz a entrega. A quantia de 200$000 tambem a entreguei ao Comité pró-Presos no mesmo dia em que foi recebida. — Filippe.

S. PAULO — Arthur Burgos: Sant'Anna, de Curityba, deseja ter noticias suas.

RIO — C. C.: Os camaradas d'"A Vanguarda" já remetteram os numeros pedidos.

RIBEIRÃO PRETO — M. S.: Recebi sua carta com os 60$000. Já entreguei os 50$ ao camarada Florentino. Desde este numero segue como pedes. — F.

RIO GRANDE — Frederico: Recebi os 100$000 e já providenciei para a sua entrega. — F.

A festa do Grupo Nova Era

Excedeu á espectativa a festa organizada pelo Grupo Nova Era em beneficio d'"A Plebe" e que foi realizado no sabbado passado.

Com a participação de numerosa concorrencia, foi executado com agrado o programma, que teve inicio com uma palestra de propaganda feita por dois camaradas.

No proximo numero publicaremos o balancete que nos foi entregue conjuntamente com a importancia de 100$000.

Festival de propaganda em beneficio d' "A PLEBE"

Terá lugar hoje, ás 7 1/2 horas da noite, no salão á rua Olavo Egydio (Sant'Anna), um grandioso festival de propaganda em beneficio d'A PLEBE, que constará do seguinte:

PROGRAMMA

I — Militarismo e Miseria, peça em 3 actos e em italiano.

II — Conferencia.

III — Baile familiar e kermesse.

Cada cavalheiro terá direito a ser acompanhado de uma dama.

Munições para "A Plebe"

Lista d'A PLEBE n. 30, a cargo do camarada J. Rigonatti (Barretos) — Francisco R., 10$; J. R. da Silva, 10$; J. Marcone 10$; L. Pisoro, 10$; J. Rigonatti, 10$. — Total, 50$000.

Lista do Dia d'A PLEBE n. 46, a cargo do camarada Marcos: C., 2$; G. H., 2$; Anonymo, 2$ B. M., 1$; E. A., 1$; J. P., 1$; F. P., 1$; B. M., 1$; H. M., 1$; F. F., 1$; D. P., 1$; O. C., $500; C. B., $500; A. T., $500; L. B., $500; A. R., $300; J. A. da Silva, $500; J. T., $300; J. T., $200; Anonymo, $200; D. L., $500; J. L., $500; M. N., $500; G. V., $500; F. A. P., $200; F. S., $200; P. B., $200; R. T., $500; J. M., $200; V. S., $200; A. da S., V. M., $500; P. T., $200; F. J., $200; J. S., $200; N. K., $100; P., P., 1$; J., 1$; P., $600; F. M., $500. — Total, 28$250.

Lista do Dia d'A PLEBE n. 4 circulada na Lapa: P. M., 3$; J. B., 5$; A. R., 2$; B. E., 5$; A. M., $500; A. D., 1$; S. B., 4$; D. R., 2$; M. A., 3$; G. V., 2$; B. A., 2$; J. B. F., 1$; J. S. S., 2$; F. M., 1$; J. S. N., 1$; A. P., 1$; J. F., 1$; S. H., 1$; J. D., 1$ — Total, 37$500.

"A Vanguarda" e a Cooperativa Graphica Popular

IMPORTANTE REUNIÃO

Os membros das commissões executivas dos syndicatos operarios e os seus dois representantes junto á Cooperativa e «A Vanguarda» são convidados a comparecer á reunião que será realizada na proxima terça-feira, ás 19 horas, na séde da União dos Trabalhadores Graphicos, á rua Marechal Deodoro, 2, 2.o andar.

Nessa reunião será apresentado o balancete geral do jornal e da Cooperativa. Assumptos de muita importancia e inadiaveis serão tratados.

ESCOLA NOVA

Communica-nos o prof. João Penteado, director da Escola Nova, que acaba de ser instituido, annexo a esse estabelecimento de ensino um curso commercial e de linguas, em que se habilitarão alumnos para as funcções de guarda-livros, chefes de contabilidade de emprezas commerciaes e estabelecimentos bancarios, peritos judiciaes, etc. etc.

Essas aulas serão ministradas á noite, á Avenida Celso Garcia n. 262.

Os trabalhadores e o Esperanto

A Federação dos Trabalhadores do Ceará, em sua ultima sessão resolveu.

1.o Acceitar o Esperanto como lingua facil para as suas relações internacionaes:

2.o Aconselhar o estudo do Esperanto a todas as associações federadas;

3.o Dar o seu apoio moral ao Sexto Congresso Brasileiro de Esperanto;

5.o Fazer estas communicações por intermedio do Sr. Francisco Falcão, representante do Sexto Congresso e presidente da «Nova Samideanaro»;

6.o Fazer tenaz propaganda do Esperanto no seio da classe trabalhadora em geral.

Nosso balancete

ENTRADAS

PARA O N. 114:	
Pacotes:	
Grupo Neno Vasco . .	8$000
F. Novaes, 2$; Hugo e J. Luiz, 2$500; J. P., 2$; Simioli, 2$; Firmino, 2$; Jomé, 2$; Martinez, 1$; C. Civil, 1$; Festa, 1$; Radeski, 1$; Arouca, 1$; J. Dias, 1$; Ardanai, 1$. — Total	19$500
Venda avulsa na officina e na redacção . .	1$300
Lista d'A PLEBE n. 30, Barretos	50$000
Lista n. 46, Dia d'A PLEBE, S. Paulo . .	28$200
Venda avulsa dos ns. 112 e 113, S. Paulo .	70$000
PARA O N. 115:	
Pacoteiros:	
Grupo Neno Vasco . .	7$000
Radeski, 1$; Bolara, 1$500; Simioli, 1$; M. Ruy, 1$; na officina, 3$. — Total	7$500
Lista do Poços de Caldas	24$600
Pacoteiros do interior:	
Amigos d'A PLEBE, do Rio	10$000
Amigos d'A PLEBE, do Rio	15$000
Palol Grande, S. Carvaro	10$000
Sorocaba, Fernandes .	10$000
Baruery, U. dos Canteiros	5$000
Avulsos	1$700
Venda de folhetos . .	2$400
Total das entradas . .	270$200

DESPEZAS

COM O N. 114:	
Defficit do n. anterior.	373$000
Feitura do n. 114 . .	125$000
Sellos (correspondencia e expedição)	14$500
8 registados	4$000
Despachos	2$800
Reconhecimento de firma e estampilha . .	1$600
Pago por folhetos . .	53$000
Limpeza da sede . . .	3$000
Despezas de administração	5$000
COM O N. 115:	
Feitura do n. 115 . . .	135$000
Sellos para expedição	12$600
Papel e pennas	3$500
Despezas administrativas	5$000
Total geral	739$000

RESUMO

Despezas	739$000
Entradas	270$200
Defficit	46[illegible]$[illegible]00